Um oásis no deserto da ópera em São Paulo

SILVIO LANCELOTTI

No dia 19 de maio, exatamente três anos depois da inesquecível exibição de estréia de Luciano Pavarotti em território brasileiro, uma outra estrela fulgurante da ópera internacional estará produzindo frissons neste País. Trata-se da formidável soprano Montserrat Caballé, espanhola, 48 anos, a mais destacada em seu registro nos teatros do planeta.

Pena que esses estímulos ao canto lírico do Brasil só aconteçam tão raramente. Ainda bem, de qualquer modo, que eles acontecem.

Desde as grandes temporadas do princípio dos anos 50 a ópera vem vivendo, por aqui, meros lampejos, intermitentes estertores. Em 1951, graças ao empenho pessoal de um louco peão das aventuras empresariais, o senhor Alfredo Gagliotti, a cidade de São Paulo pôde presenciar, de uma só tacada, os talentos sobrenaturais de Maria Callas, Renata Tebaldi, Fedora Barbieri, Beniamino Gigli, Giuseppe Di Stefano, Gino Becchi, Tito Gobbi, Nicola Rossi-Lemeni — e do regente Tullio Serafin.

Depois, sempre graças a Gagliotti e a uns poucos outros abnegados, como o senhor Emilio Billoro, aconteceram ainda algumas boas temporadas com superastros estrangeiros. Mas só algumas. Faltou invariavelmente apoio, oficial ou particular, aos empresários interessados em importar as melhores atrações. Conclusão: os empresários perderam a vontade de investir o seu dinheiro; o poder público passou a desconfiar dos empresários; e, sem a união dessas duas instituições, fundamentais, na Terra inteira, ao progresso da arte do canto operístico, a cena lírica desandou a cantinhar.

Proliferam as boas intenções. Os fracassos e o ridículo, porém, não permitem perdões. Perto do que acontece há três anos no Rio, onde a Funterj, gloriosamente, mergulhou de cabeça na promoção desses eventos, digamos assim, litero-musicais, a ópera em São Paulo não passa de uma brincadeira sem repercussão nenhuma.

A Secretaria da Cultura, através de seu titular, o poeta Mário Chamie, tentou abrir um caminho novo, no ano passado — o projeto Pró-Ópera. Seus resultados, porém, são lentos demais para uma platéia que é sempre apaixonada, fanática aos limites da insanidade.

Por sua própria natureza, a ópera exige produções exacerbadas, reverberantes, monumentais. Em 51, mesmo na sua temporada inigualável, o senhor Alfredo Gagliotti encontrou tempo para perpetrar uma linda peça — e induziu La Callas e La Tebaldi a interpretar uma mesma personagem, a Violeta Valéry da "Traviata" com meros dias de diferença. No Metropolitan de Nova York e no La Scala de Milão há sempre novas invenções na tocaia dos aficionados dos Verai e dos Puccini, dos Wagner e dos Mozart, dos Britten e dos Alban Berg. Novos cenários, novas encenações, até mesmo novas versões para clássicos eternos e teoricamente imutáveis.

O herdeiro de Alfredo Gagliotti, seu filho Roberto, tentou em 79 uma jogada dessas imbatíveis em termos de Brasil. Trouxe Pavarotti, o maior tenor de todos os tempos, para dois espetáculos solitários porém insuperáveis. Dia 19 de maio no Municipal do Rio. Dia 21 de maio no Anhembi em São Paulo. A proeza lhe deu o direito de pleitear, e obter, a organização da tem-

porada de 80, junto à Prefeitura de São Paulo. Não deu certo, Gagliotti perdeu dinheiro, alguns respeitos, algumas amizades. Mas encheu-se de novos bríos e cometeu outra saudável insanidade. Foi buscar La Caballé para um espetáculo exclusivo em São Paulo.

Sim. Dia 19 de maio. Três anos depois de Pavarotti.

A coincidência é afortunada. Se Pavarotti é o maior tenor no planeta, La Caballé é a maior das sopranos dos últimos vinte anos.

Catalã de Barcelona, nascida em 12 de abril de 1933, aluna aplicada do conservatório de sua cidade, La Caballé estreou num palco em Basileia, na Suíça, em 1956, como a Mimi da "Bohème" de Puccini, padeceu longo tempo em papéis secundários — até que em 65 eletrizou público e críticos no Carnegie Hall de Nova York com a sua interpretação de "Lucrezia Borgia", uma ópera então menos conhecida de Gaetano Donizetti.

Curiosidade: La Caballé não estava originalmente escalada para a "Lucrezia". Apenas assumiu o lugar da já famosa Marilyn Horne, adoentada. E daquela noite em diante nunca mais parou de brilhar.

Seu timbre é deliciosamente doce, plástico, homogêneo. Sua voz desliza sem dificuldades por duas oitavas inteiras, equilibradamente, pacificamente, sem asperezas e sem vibrações. Absurdamente versátil, La Caballé consegue exibir-se nos mais encantadores falsetes e nas mais perfeitas sfumature — a habilidade do cantor para enriquecer um colorido qualquer de sua interpretação com vários matizes diferentes.

Dominadora, prodigiosa, La Caballé sabe como adaptar as partituras às particularidades do seu registro, sabe desvencilhar-se de certas intenções ultrapassadas ou mal explicadas do compositor — sobrepujando as exigências orquestrais e transformando obviedades no mais puro cristal.

E isso tudo num repertório cada vez mais vasto e contrastante — que inclui a Mimi e, também de Puccini, a trepidante Turandot.

Caballé, enfim, mesmo acompanhada apenas por um pianista, deverá fazer em São Paulo um espetáculo equivalente ao do mago Pavarotti — um espetáculo irrepetível, digno dos 35 mil dólares, ou mais, que comporão as despesas com seu cachê, sua viagem, sua hospedagem etcétera e tal.

Por que só uma apresentação? Caballé não tem datas a dispor. Um milagre reservou aos brasileiros o 19 de maio. Pena que só 1.700 privilegiados, a lotação do Municipal, possam estar presentes à celebração.

Cabe, de qualquer modo, uma pergunta. Por que a venerável Rede Globo, eternamente interessada em promoções de padrão mundial, não transmite o show de Caballé para todo o País? Dirão os sabichões que ópera não produz audiência. Na Globo, todavia, até pedra britada costuma dar pontinhos no Ibope. E a emissora, muito que bem, possui algumas obrigações a cumprir. Com a cultura. E com a história.

A visita de Montserrat Caballé ao Brasil tem de ser documentada para a posteridade. Informa Roberto Gagliotti que o contrato firmado com a grande estrela autoriza liminarmente o televisoramento do sarau. A Globo todo-poderosa está dormindo no ponto. Que as outras TVs se habilitem.

folha de São Paulo - 7.IV-1982

cmp 3.2.4.60